

uma cultura de fisionomia própria que é marcada pelas peculiaridades estetizantes significativas, com predomínio de componentes indígenas, mesclados de caráter negros e europeus, cujo ator social e agente principal é o caboclo, tipo étnico resultante da miscigenação do índio com o branco, europeu ou não e cuja força cultural tem origem na forma de articulação com a natureza. (LOUREIRO, 1995. p. 58).

No processo de identificar o indivíduo ou grupo, a cultura opera no corpo carregado de conhecimentos culturais e simbólicos. Esse simbolismo adveio dessa grande mestiçagem, miscigenação e sincretismo quando etnias aos poucos começavam a implantar suas formas de sentir, agir e pensar, trazendo os seus costumes. Consideramos os símbolos pontos de sentidos que surfem da realidade vivida, eles são as aberturas, as revelações de determinados aspectos da realidade, são os mais profundos e os que desafiam qualquer outro meio de conhecimento (ELIADE, 2010).

Assim, é possível encontrar na cultura paraense, uma dança tradicional chamada de Lundu. A dança em questão simboliza um convite que os Homens fazem às Mulheres para um encontro de 'amor sexual' desenvolvido com movimentos ondulatórios de grande volúpia, apresentando rebolados e manuseios dos quadris evidenciando a sensualidade da dança. É uma dança de origem africana e tida como a primeira manifestação cultural musical afro-brasileira (SALLES, 2015).

O caráter sensual da dança é um dos pontos que distingue seus compassos vivos e coreografia exultante. E os versos se caracterizam por um sentido lírico, erótico, satírico, comentador da vida cotidiana e não raro crítico. O lundum possui enfim uma dinâmica que lhe é muito peculiar. A dança provinha certamente do batuque dos terreiros. (SALLES, 2015, p.210).

Com base nisso, temos uma leitura da expressão corporal praticada pela manifestação herdada de gerações passadas, além de ser cultivada com registros ínfimos do nosso conhecimento, onde simboliza um espaço de resgate e visa ampliar o sentido do corpo a partir desses movimentos. Por fim, Nobrega (2016) confirma este pensamento declarando que refletir um corpo dançante é pensar em um corpo compassivo, repleto de significados e anseios nas suas relações. Pode-se também dizer que essas danças contribuem para criar novos horizontes sensíveis para o corpo e o movimento.

REFERÊNCIAS

- ELIADE, M. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LOUREIRO, J. de J. P. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NOBREGA, T. P. de. *Corporeidades... inspirações Merleau-Pontianas*. Natal: IFRN, 2016.
- SALLES, V. *O negro na formação da sociedade paraense*. 2ed. Belém: Paka-Tatu, 2015.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

